

# O Holofote que se vira para nós – por Mário Portela

written by Mário Portela | 4 de Setembro, 2025

**OCIDADÃO**  
Jornalismo Livre

**CRÓNICA**  
**Mário Portela**



A humanidade sempre teve uma obsessão com espelhos. Dos reflexos tremidos na água aos filtros do Instagram, sempre quisemos ver-nos de fora para dentro. Mas agora inventámos o **espelho mais perigoso de todos**: a Inteligência Artificial.

Perigoso não porque pense ou sinta (ainda não), mas porque obriga-nos a perguntar: **afinal o que significa ser consciente?**

Imagina a tua mente como um teatro. Tens palco, bastidores, guião e atores. **A consciência é o holofote** que ilumina uma cena e deixa o resto na penumbra. A inteligência, por sua vez, é a capacidade do teatro criar cenários, coordenar atores e improvisar quando o guião falha. Podes ter o teatro mais sofisticado do mundo, mas sem luz... ninguém percebe nada.

É aqui que a IA entra como atriz convidada. Decora todas as

falas, faz os movimentos certos, mas não sente nervos, medo ou aplausos. É como um robô na “*Dança dos Famosos*”: perfeito na técnica, vazio na experiência.

E o mais irónico? Quanto mais tentamos criar máquinas “*conscientes*”, mais percebemos que nem nós sabemos explicar como funciona o nosso próprio interruptor da luz. É como tentar digitalizar um abraço – podes descrever a pressão, o calor, o tempo, mas a sensação? Essa continua a ser um exclusivo da consciência humana.

No fundo, a IA está a fazer-nos uma terapia coletiva: ao tentar replicar-nos, mostra-nos o que temos de mais único. A cada algoritmo, descobrimos que há processos que podem ser simulados – memória, lógica, cálculo. Mas há outros que só podem ser **vividos**: a intuição, o arrepio, a lágrima, o riso inesperado.

É por isso que a IA não nos rouba a humanidade – **obriga-nos a redefini-la**. Expande a consciência não por ser consciente, mas por nos obrigar a olhar para dentro, para aquilo que nenhum código consegue copiar.

O problema? **Estamos a brincar de Pigmaleão moderno**: criamos estátuas digitais, mas corremos o risco de nos apaixonar pelo reflexo e esquecer o original. Entre *deepfakes*, desinformação e ilusões perfeitas, a linha entre o real e o artificial está cada vez mais fina que papel vegetal.

E aqui está a questão: **vais deixar que o holofote da consciência seja programado por outros, ou vais aprender a usá-lo tu mesmo?** Porque no teatro da mente, ou és o protagonista da tua peça, ou não passas de figurante num guião escrito por algoritmos.

☐ **Ouve o episódio 19 de IA & EU aqui mesmo...**